

## TRADUÇÃO

As rádios livres populares - Félix Guattari

*Popular free radios – Félix Guattari*

Debora Maria dos SANTOS

Doutora em Comunicação UFPE

E-mail: [deboramariasantos1@gmail.com](mailto:deboramariasantos1@gmail.com)

Gabriel Kafure da ROCHA

Doutor em filosofia pelo PPGFIL UFRN

Docente permanente do PROF-FILO IFSertãoPE

Bolsista Produtividade FACEPE 2024-2026.

E-mail: [Gabriel.rocha@ifsertao-pe.edu.br](mailto:Gabriel.rocha@ifsertao-pe.edu.br)

### Resumo:

O presente texto de Félix Guattari, traduzido da língua francesa, não é apenas um manifesto político sobre o movimento das rádios piratas e livres da década de 1970, mas uma peça teórica fundamental para compreender a comunicação como um campo de forças em disputa. Sua importância reside na intersecção entre a prática midiática, a teoria política e a esquizoanálise da filosofia guattariana. Para a Comunicação Social, o texto antecipa discussões contemporâneas sobre a democratização dos meios. Guattari rompe com o modelo clássico de Shannon e Weaver (Emissor-Mensagem-Receptor), propondo que a rádio não deve ser um canal de transmissão unidirecional, mas um dispositivo de *feedback* constante. Nota-se uma apropriação da técnica quando o autor destaca a importância da "miniaturização" e da "gambiarra" (*Bricolage*) técnica como formas de resistência ao monopólio estatal e comercial. O autor critica a figura do "especialista" da comunicação (o jornalista ou locutor profissional), defendendo que a rádio livre deve ser um espaço de "tomada de palavra direta", em que a estética e o erro fazem parte da autenticidade do processo comunicativo. A rádio é tratada por Guattari como uma máquina de guerra contra a subjetividade capitalística dominante. A importância filosófica do texto reside no esclarecimento dos Agenciamentos Coletivos de Enunciação: Guattari argumenta que a rádio permite a criação de novas formas de existência coletiva que não passam pela representação política tradicional (delegados ou partidos). A fala na rádio livre "atravessa" as especialidades e permite o florescimento de "singularidades

de desejo. Quando o texto exemplifica como a técnica (o rádio) pode ser usada para uma micropolítica da resistência, transformando o cotidiano (como nas praças de Bolonha) em um evento estético e político contínuo. Por fim, o autor questiona a necessidade de uma "boa linha" política, valorizando o "poético-delirante" e o contraditório como formas mais elevadas de produção de subjetividade do que o discurso racionalizado e burocrático. O texto permanece atual ao nos lembrar que a tecnologia (seja do rádio de 1970 ou mesmo da internet hoje) não é neutra. O embate entre sistemas hiperconcentrados (algoritmos de *Big Techs*) e sistemas miniaturizados/autogeridos (redes independentes) continua sendo o eixo central da disputa por uma comunicação que produza liberdade em vez de conformismo.

**Palavras-chave:** Rádio pirata, agenciamentos coletivos, micropolíticas.

**Abstract:**

This text by Félix Guattari, originally translated from French, is not only a political manifesto about the pirate and free radio movement of the 1970s, but a fundamental theoretical piece to understand communication as a field of forces in dispute. Its importance lies in the intersection between media practice, political theory, and the schizoanalysis of Guattarian philosophy. For the Media, the text anticipates contemporary discussions on the democratization of the media. Guattari breaks with the classic model of Shannon and Weaver (Sender-Message-Receiver), proposing that radio should not be a one-way transmission channel, but a constant *feedback device*. An appropriation of technique is noted when the author highlights the importance of "miniaturization" and technical "workaround" (*bricolage*) as forms of resistance to state and commercial monopoly. The author criticizes the figure of the "specialist" of communication (the journalist or professional announcer), arguing that free radio should be a space for "direct word-taking", in which aesthetics and error are part of the authenticity of the communicative process. Radio is treated by Guattari as a war machine against the dominant capitalistic subjectivity. The philosophical importance of the text lies in the clarification of the Collective Enunciation Agencies: Guattari argues that radio allows the creation of new forms of collective existence that do not go through traditional political representation (delegates or parties). Speech on the free radio "crosses" the specialties and allows the flourishing of "singularities of desire. When the text exemplifies how technique (the radio) can be used for a micropolitics of resistance, transforming everyday life (as in the squares of Bologna) into a continuous aesthetic and political event. Finally, the author questions the need for a political "good line", valuing the "poetic-delirious" and the contradictory as higher forms of production of subjectivity than rationalized and bureaucratic discourse. The text remains current in reminding us that technology (whether from 1970s radio or even the internet today) is not neutral. The clash between hyper-

concentrated systems (*Big Tech algorithms*) and miniaturized/self-managed systems (independent networks) continues to be the central axis of the dispute for communication that produces freedom instead of conformism.

**Keywords:** Pirate radio, collective assemblages, micropolitics.

\*\*\*

A evolução dos meios de comunicação de massa parece ir em duas direções contrárias:

- em direção a sistemas hiperconcentrados controlados pelos aparelhos de Estado, pelos monopólios, pelos grandes aparelhos políticos e que têm por finalidade uma modelagem da opinião, uma adaptação reforçada das atitudes, dos esquemas inconscientes da população às normas dominantes;
- em direção a sistemas miniaturizados que abrem a possibilidade de uma apropriação coletiva dos meios de comunicação, que dão reais meios de comunicação não apenas às grandes massas, mas igualmente às minoridades, aos marginais, aos grupos desviantes de toda natureza.

De um lado, cada vez mais centralismo, conformismo, opressão; de outro, a perspectiva de novos espaços de liberdade, de autogestão, de florescimento das singularidades de desejo.

Como explicar que seja a partir de uma técnica já relativamente antiga, tal como a rádio, que tenha ocorrido um avanço nesta segunda direção, na Itália e na França, com o fenômeno das rádios livres? Por que não o vídeo, que suscitava, há pouco tempo, tanta esperança? Por que não o cabeamento? Por que não o super-8? Seria muito difícil desembaraçar todos os fatores que permitiram este despegue das rádios livres!

Mas há um que me parece dever ser particularmente colocado em relevo: com o vídeo e o cinema, a iniciativa técnica permanece, no essencial, o feito de grandes empresas industriais; com as rádios livres, uma parte importante da técnica depende da inventividade, da "gambiarras" (*bricolage*), daqueles que são seus promotores. Ora, as escolhas técnicas, aqui como em outros lugares, recobrem sempre escolhas políticas e micropolíticas.<sup>1</sup>

Por exemplo, as opções técnicas, no domínio da televisão, foram todas centradas em um consumo familiar e individual. Daí uma definição muito restritiva do quadro das emissões (a divisão do

---

<sup>1</sup> [N.T] Bricolage / Gambiarra: O termo francês *bricolage* refere-se ao ato de construir ou reparar coisas de forma amadora ou improvisada. No contexto brasileiro, "gambiarra" ou "improviso técnico" aproxima-se do sentido de resistência técnica mencionado por Guattari.

trabalho entre a técnica, a animação e a concepção das emissões, seu perpétuo recentramento em estúdios em circuito fechado, a vocação nacional dos programas...) que conduz inelutavelmente a uma passividade absoluta do consumidor. No entanto, nada, no início, impunha, em um plano técnico, tal escolha política! Era possível conceber de imediato equipamentos para uma produção e um consumo adaptados a grupos-sujeitos e não a grupos assujeitados.<sup>2</sup> Mas os decisores capitalistas e estatais não encontrando nenhum interesse em tal orientação, foi a escolha do meio pesado que triunfou. E tem-se a tendência a fundamentar hoje a legitimidade desta escolha na natureza das coisas, na evolução natural da técnica.

Com as rádios livres, encontramos-nos diante do mesmo tipo de problema técnico-político. Mas aqui, em razão do confronto com o poder, é o "meio pobre" que se impõe por si mesmo.<sup>3</sup> Com efeito, na etapa atual, não se pode resistir eficazmente à interferência<sup>4</sup> e às buscas policiais senão multiplicando o número de transmissores e miniaturizando o material para minimizar os riscos (esta guerrilha cotidiana das ondas não sendo de modo algum incompatível com uma "saída" à luz do dia quando a relação de forças o permite: emissão em público, jornadas nacionais, etc.).

O ponto mais importante, para os animadores das rádios livres populares, é que o conjunto dos meios técnicos e humanos permite estabelecer um verdadeiro sistema de *feedback* entre os ouvintes e a equipe que emite. Seja por intervenções ao vivo ao telefone, seja abrindo as portas do estúdio, seja por entrevistas, seja pela confecção de emissões em fitas cassete pelos ouvintes, etc. A experiência italiana, a este respeito, mostra-nos o imenso campo de possibilidades novas que se encontra assim aberto.

Em particular, a experiência do grupo de Bolonha com a Radio Alice e o jornal *A Traversa*.<sup>5</sup> Percebe-se aqui que a rádio não constitui senão um elemento no seio de toda uma gama de outros momentos de comunicação, desde todos os encontros cotidianos informais na *Piazza Maggiore* até o jornal impresso, passando pelos quadros de avisos, pinturas murais, cartazes, panfletos, reuniões, atividades comunitárias, festas, etc. Estamos longe, muito longe, das concepções tecnocráticas<sup>6</sup> dos locatários franceses das rádios locais, que colocam a ênfase na representação das pessoas que se expressam, ou das

<sup>2</sup> [N.T]: Groupes-sujets vs. Groupes assujettis: Conceito central na obra de Guattari. "Grupos-sujeitos" são aqueles que produzem seu próprio sentido e ação, enquanto "grupos assujeitados" são meros receptores passivos de ordens ou comunicações externas.

<sup>3</sup> [N.T] Moyen lourd / Moyen pauvre: Traduzidos literalmente como "meio pesado" e "meio pobre". Referem-se ao custo e à complexidade da infraestrutura técnica. O "meio pesado" exige grandes investimentos (TV, cinema industrial), enquanto o "meio pobre" utiliza equipamentos baratos e acessíveis.

<sup>4</sup> [N.T]: Brouillage: Traduzido como "interferência" ou "bloqueio de sinal". Refere-se à técnica estatal de emitir ruído em frequências específicas para impedir a audição de rádios piratas/livres

<sup>5</sup> [N.T]: Radio Alice / A Traversa: Referências históricas ao movimento de autonomia italiana (1977). A Radio Alice é o exemplo paradigmático de rádio livre citado por Guattari por sua subversão estética e política.

<sup>6</sup> [N.T]: Tecnocráticas: "Técno-cràtiques" pode ser entendido também como burocráticas locais", que é o sentido pretendido no debate francês da época sobre a estatização das rádios.

concepções do esquerdismo tradicional que se preocupa, antes de tudo, que apenas a "boa linha"<sup>7</sup> e as proposições mobilizadoras possam vir a expressar-se em seus lugares! Nas rádios livres italianas, é frequente que debates muito sérios sejam interrompidos ao vivo por intervenções violentamente contraditórias, ou bem-humoradas, ou ainda poético-delirantes. Estamos longe igualmente dos conceitos dos técnicos modernistas que declaram que o que importa é o conteúdo das emissões, o cuidado que se dedica à sua realização e que se refere a toda uma mitologia do "respeito moderno", da "nova escuta...". Todos os "pré-requisitos" relativos à qualidade do porta-voz, ao conteúdo das mensagens e à forma de expressão saltam pelos ares.<sup>8</sup> Os "localistas", os militantes e os modernistas têm, de fato, isto em comum: que, de uma forma ou de outra, eles se apresentam como especialistas: especialistas do contato, da palavra de ordem, da cultura, da expressão... Ora, precisamente, a via que está aberta pelo fenômeno das rádios livres nos parece ir no sentido contrário a todo espírito de especialização. O que se torna específico, com elas, são os agenciamentos coletivos de enunciação que absorvem, que "atravessam" as especialidades.<sup>9,10</sup>

Bem entendido, uma tomada de palavra direta por grupos sociais de toda natureza não é sem consequência! Ela ameaça fundamentalmente todos os sistemas tradicionais de representação social, ela coloca em questão uma certa concepção do delegado, do deputado, do... porta-voz autorizado, do líder, do jornalista...

Questionar a influência insidiosa da publicidade — supondo que a esquerda esteja realmente comprometida em combatê-la — implicaria controle, censura ou supervisão institucional de emissoras de rádio independentes? Com vastas somas de dinheiro, os anunciantes estão prontos para lançar inúmeras estações de rádio privadas. Ora! Se a publicidade fosse regulamentada, ou mesmo proibida, seria surpreendente se essas pessoas ainda estivessem determinadas a embarcar em tais empreendimentos! Sim, mas, alguns dirão, o governo apoia secretamente os anunciantes (e, de fato, também as autoridades locais), enquanto reprime emissoras de rádio genuinamente independentes, como vimos recentemente com a apreensão de equipamentos pertencentes à Rádio 93, à Rádio Livre Paris e à Rádio Rocket. Mas quem decidirá, no final: as regulamentações, as manobras obscuras daqueles que estão no poder, ou o equilíbrio de poder na prática?

<sup>7</sup> [N.T]: Bonne ligne (Boa linha): Termo do jargão político marxista-leninista/maoísta (esquerdismo tradicional) que se refere à "linha política correta" definida pelo partido. Guattari critica a rádio que serve apenas para transmitir essa ideologia pronta.

<sup>8</sup> [N.T]: Sautent: No contexto guattariano, os "pré-requisitos" (exigências de qualidade técnica ou política) "saltam" ou são suprimidos para dar lugar à expressão bruta e direta.

<sup>9</sup> [N.T]: Agenciamentos coletivos de enunciação (*Agencements collectifs d'énonciation*): Este é um conceito fundamental na obra de Deleuze e Guattari. Refere-se a sistemas de produção de desejo e de discurso que não dependem de um indivíduo isolado (o "sujeito"), mas de uma rede de relações sociais, técnicas e biológicas.

<sup>10</sup> [N.T]: Atravessam (*Traversent*): Refere-se à transversalidade, outro conceito de Guattari que propõe uma comunicação que corta as hierarquias verticais e o isolamento horizontal das especialidades.

Se às dezenas de estações de rádio gratuitas existentes se juntarem centenas de novos grupos, se segmentos cada vez mais amplos e diversos da população participarem, financiarem e protegerem essas estações, veremos o verdadeiro peso da atual aliança entre o governo, o setor privado e figuras notáveis locais. Monopólio, as regras para as regulamentações publicitárias não podem realmente proteger o público da publicidade —vemos isso claramente na TV! Além disso, não cabe às próprias massas organizarem-se contra a poluição publicitária? As pessoas não são crianças — e, além disso, as próprias crianças estão cada vez mais se recusando a ser tratadas como irresponsáveis! Elas não precisam ser protegidas, contra a sua vontade, de "más tendências" que as levariam ao lixo estúpido que os anunciantes estão preparando para elas! No dia em que seus rádios lhes oferecerem cem opções de audição, elas saberão escolher por si mesmas o que lhes convém! A atitude cautelosa, para dizer o mínimo — dos partidos e sindicatos de esquerda em relação à questão das estações de rádio livres implica uma concepção completamente ultrapassada de participação em massa na esfera social. Textos, petições, regulamentos, delegações são uma coisa, mas a assunção efetiva dos problemas por grupos sociais vivos é outra. Se realmente queremos organizar uma luta em larga escala contra o bombardeio publicitário, então devemos também atacar todas as formas de coerção física e moral, todas as formas de domesticação sobre as quais repousam não só o poder do Estado, mas também o poder em geral dos empregadores, mas também, em grande medida, das organizações que afirmam combatê-las! Enquanto isso, que os burocratas militantes parem de pensar que podem intimidar aqueles que se esforçam, ainda que imperfeitamente, para criar um instrumento real de combate a essas formas de coerção e domesticação!

## Referências

GUATTARI, Félix. "Los radios libres populares" in **Nouvelles Revue Théorique**. n. 115, jun./jul. 1978.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. v. 1.



SANTOS, Debora Maria dos; ROCHA, Gabriel Kafure da. As rádios livres populares - Félix Guattari. *Kalagatos*, Fortaleza, vol.22, n.3, 2026, eK26020, p. 01-07.

Recebido: 01/2026

Aprovado 03/2026

: